

Onde tinha gado, agora tem soja: descenso estancieiro e ascensão dos *gringos* em São Martinho da Serra/RS

Where there used to be cattle, now there's soy: the decline of ranchers and the rise of the gringos in São Martinho da Serra/RS

Igor Binotto Benetti¹ , Everton Lazzaretti Picolotto^{1,2} 

¹Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: igor.benetti@acad.ufsm.br

²Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: everton.picolotto@ufsm.br

Como citar: Benetti, I. B., & Picolotto, E. L. (2025). Onde tinha gado, agora tem soja: descenso estancieiro e ascensão dos *gringos* em São Martinho da Serra/RS. Revista de Economia e Sociologia Rural, 63, e288184. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2025.288184>

Resumo: O artigo analisa as transformações produtivas, socioculturais e ambientais, consequentes da ocupação do território agropecuário de São Martinho da Serra/RS por pequenos agricultores descendentes de *colonos* italianos da Quarta Colônia de Imigração/RS a partir de 1980. São Martinho da Serra é localizado em uma área de transição entre os biomas Pampa e Mata Atlântica e possui uma dinâmica socioeconômica forjada por grandes proprietários de terra chamados de *estancieiros*, produtores de pecuária extensiva. A chegada dos *colonos* vem transformando as dinâmicas do meio rural nos últimos 40 anos. A metodologia deste trabalho está amparada na exploração da literatura sobre a temática, em dados secundários e trabalho de campo, em que foram feitas entrevistas semiestruturadas com famílias migrantes e que hoje ocupam grandes e médias áreas para o cultivo de soja no município. Foram identificados nesta pesquisa, portanto, grandes índices de conversão de campos nativos em lavouras de soja, chegando a aproximadamente 70% do território agropecuário; redução de atividades tradicionais da pecuária; diminuição do pessoal ocupado no rural; redução da população total; concentração fundiária; decréscimo dos estabelecimentos agropecuários e pouca contratação de trabalhadores rurais originários do município em detrimento de mão de obra externa.

Palavras-chave: ocupação territorial, bioma pampa, avanço da soja.

Abstract: The article analyzes the productive, socio-cultural and environmental transformations that have resulted from the occupation of the agricultural territory of São Martinho da Serra/RS by small farmers descended from Italian settlers from the Fourth Colony of immigration/RS since 1980. São Martinho da Serra is located in a transition area between the Pampa and Atlantic Forest biomes and has a socio-economic dynamic forged by large landowners known as *estancieros*, producers of extensive livestock. The arrival of settlers has transformed the dynamics of the rural environment over the last 40 years. The methodology of this work is based on the exploration of literature on the subject, secondary data and fieldwork, where semi-structured interviews were conducted with migrant families who today occupy large and medium-sized areas for soy cultivation in the municipality. This study therefore identified high rates of conversion of native grasslands into soybean plantations, reaching approximately 70% of the agricultural territory; a reduction in traditional livestock activities; a decrease in the number of people employed in rural areas; a reduction in the total population; land concentration; a decrease in agricultural establishments and little hiring of rural workers from the municipality, to the detriment of external labor.

Keywords: territorial occupation, pampa biome, advancement of soybeans.

1. Introdução

O contexto da ocupação territorial do Rio Grande do Sul possui algumas características singulares, principalmente por se tratar de um estado dividido por dois biomas (Pampa e



Mata Atlântica, Figura 1). Os interesses pelas regiões que compõem estes biomas se deram em momentos distintos. Em meados do século XIX, a economia pastoril baseada no latifúndio estancieiro, conduzida por luso-brasileiros, já estava estabelecida na área de Pampa. As áreas de Mata Atlântica foram ocupadas posteriormente, a partir de meados do século XIX, por outros agentes e com outras características distributivas e socioeconômicas. Nesta região, foram fundadas, principalmente, colônias de imigração italiana e alemã, baseadas na pequena propriedade da terra e na mão de obra familiar (Chelotti, 2009; Zarth, 2002).

Durante quase todo século XX, a pecuária extensiva se manteve sólida na ocupação das regiões do Pampa gaúcho. Já nas regiões de Mata Atlântica, sobretudo no período pós-Segunda Guerra Mundial, a apreensão da modernização agrícola fez com que fossem estabelecidas as primeiras lavouras comerciais e mecanizadas de trigo no Planalto gaúcho (região de transição entre os biomas). A partir deste processo, em meados de 1970, a soja, aproveitando-se das mesmas áreas, infraestrutura e maquinário do trigo, torna-se a principal cultura a ser praticada, tendo uma crescente ocupação dos territórios agrícolas do estado e do país. No Rio Grande do Sul, a partir de 1990, a agricultura moderna já estava relativamente consolidada nas regiões de colonização italiana e alemã, em áreas de Mata Atlântica. A partir deste período, a produção de soja inicia um processo de ocupação do Pampa. Este processo ganha força, sobretudo, pela forte crise da pecuária que dificultou progressivamente a reprodução do sistema de pecuária extensiva tradicional nas regiões de Pampa. Junto a isso, a soja ganhou força com sua valorização no mercado internacional, novas tecnologias como a soja transgênica, crédito disponível e logrou expandir-se para áreas disponíveis (Brum, 1988; MapBiomas, 2024; Miranda, 2011; Piccin, 2021; Wilkinson, 2023).

Desse processo, percebe-se que o uso e cobertura do solo se modificou de maneira impactante nos últimos 40 anos no bioma Pampa, e isso se deve, também, à migração de grupos sociais que saem de áreas de colonização alemã e italiana e levam consigo práticas relacionadas à modernização agrícola, além de novas relações socioculturais com o novo meio que estão inseridos. Percebe-se, com isso, um contraste importante entre a forma com que os tradicionais proprietários de terra do Pampa (*estancieiros* e *pecuaristas familiares*) se relacionam com a região e os novos agentes sociais migrantes, que serão chamados neste trabalho de *gringos*.¹ Existe uma série de trabalhos que pesquisam a expansão da soja no Pampa e as consequências socioculturais, econômicas e ambientais (Nicoloso, 2017; Moreira et al., 2019; Silva & Viana, 2020; Silva & Sacco dos Anjos, 2020; Petsch et al., 2022; Moreira et al., 2023). Entretanto, a maioria das pesquisas tendem a focar nos agentes sociais afetados negativamente por estas transformações, *pecuaristas familiares* e *estancieiros*, por exemplo. Diante disso, este trabalho busca compreender as estratégias utilizadas por uma categoria social que se beneficiou do avanço da soja no Pampa, os *gringos*. O caso pesquisado apresenta, portanto, as transformações socioculturais, produtivas e ambientais a partir da chegada dos *gringos* em um município tradicionalmente ancorado na pecuária extensiva. O trabalho evidencia, portanto, a ascensão econômica da categoria social e como esta ascensão modificou, ao longo do tempo, as dinâmicas sociais, ambientais/paisagísticas e produtivas de uma região.

Nesse sentido, foi escolhido como recorte espacial deste trabalho o município de São Martinho da Serra/RS, devido aos seguintes fatores: 1) trata-se de uma região de transição entre Mata Atlântica e Pampa; 2) a história do município e sua estrutura agrária baseada na distribuição de terras pelas sesmarias à militares luso-brasileiros e tropeiros nos séculos XVIII e XIX, formando

¹ *Gringos* é uma denominação utilizada, sobretudo pelos pecuaristas, para diferenciar-se deste grupo, “como designação identificadora deste novo sujeito social [...] é um novo estilo e modo de ver e se ver no mundo que aí passa a se expressar (Piccin, 2021, p. 99). Os próprios *colonos* em São Martinho da Serra muitas vezes se auto denominam *gringos*. Essa identidade étnica e regional também possui formas singulares de reproduzir o campesinato, ou seja, de reproduzir suas formas de organização do trabalho do grupo doméstico (Garcia Junior & Heredia, 2009).

grandes estâncias de pecuária extensiva e pequenas e médias propriedades de *pecuaristas familiares* 3) no município houve a entrada de *colonos* descendentes de imigrantes italianos no período de crise da pecuária que levam consigo novas práticas agrícolas vinculadas a modernização da agricultura; e 4) lá ocorreu a transformação do uso e cobertura do solo nos últimos 40 anos, passando da pecuária em formação campestre nativa para áreas de lavoura. Portanto, o objetivo do artigo é analisar as transformações produtivas, socioculturais e ambientais, consequentes da ocupação do território agropecuário de São Martinho da Serra/RS por agricultores descendentes de *colonos* italianos da Quarta Colônia de imigração/RS a partir de 1980.

2. Fundamentação teórica

2.1 A ocupação dos territórios no Rio Grande do Sul

A ocupação territorial do Brasil teve no processo de colonização e imigração grande importância nas estratégias de desenvolvimento do capitalismo no país. Principalmente no decorrer do século XIX, a imigração foi uma das estratégias utilizadas pelo governo brasileiro para alcançar alguns objetivos, dentre eles estavam: a construção de um mercado interno mais bem adaptado à emergência do capitalismo; a substituição da mão de obra escravizada nos grandes cafezais do Sudeste; o atendimento de certo projeto de “branqueamento” da população brasileira; e, não menos importante, a ocupação territorial com fins geopolíticos, principalmente no Sul do país (Saquet, 2002; Zarth, 2002).

Dentre as regiões colonizadas no Brasil, o extremo sul teve sua ocupação considerada tardia, visto que, nos primeiros séculos desde a chegada dos portugueses, a região não oferecia grandes benefícios mercantis para a época. Os primeiros movimentos colonizadores foram iniciados pelos jesuítas espanhóis, quando foram fundadas as reduções indígenas e a criação de gado bovino no século XVII. No entanto, a região da Bacia do Rio da Prata tornou-se estrategicamente importante, iniciando, assim, uma longa disputa pelo território entre espanhóis e portugueses. Diante disso, o governo português iniciou o processo de colonização do Rio Grande no século XVIII, uma vez que a região seria uma possível entrada dos castelhanos nos conflitos por território no Brasil (Zarth, 2002).

Portanto, no estado do Rio Grande do Sul, os principais objetivos da colonização passavam pela ocupação do território em constante disputa com os espanhóis. Ainda no século XVIII, mais precisamente em 1756, houve um grande extermínio de indígenas missioneiros, numa ação paralela entre os exércitos português e espanhol, fato este que acabou liberando um extenso território de campos nativos, além de um grande estoque de gado deixado pelos jesuítas. Em vista disso, surge a viabilidade econômica que a região necessitava para sua ocupação territorial. Nesse sentido, o gado adaptado aos campos era o produto que, segundo Zarth (2002, p. 50), “iria atrair aventureiros das províncias ao norte e transformar militares em prósperos estancieiros”. Com efeito, as patentes mais altas de militares envolvidos no conflito com os espanhóis e missioneiros receberam a concessão de sesmarias como retribuição, originando assim o patronato estancieiro do Rio Grande do Sul (Picolotto, 2022; Zarth, 2002). Desta ocupação, também surge outro grupo social, os *pecuaristas familiares*², grupo esse também importante no entendimento da ocupação do território de São Martinho da Serra, foco deste trabalho.

Restavam, neste processo, as áreas de Mata Atlântica, conforme Figura 1. Com a emergência do capitalismo do século XIX, o Estado brasileiro necessitava traçar novas estratégias geopolíticas,

² A expressão “pecuarista familiar”, quando foi utilizada pela primeira vez, tinha como objetivo identificar um grupo de famílias, até então “invisíveis”, pouco descritas e estudadas, que, tendo o comportamento de agricultores familiares e pequenas áreas de terra, dedica-se à bovinocultura de corte extensiva. Desta forma, o termo pecuarista familiar não se refere aos demais pecuaristas (produtores de leite, suinocultura, caprinocultura e avicultura), que também são ao mesmo tempo pecuaristas e familiares (Ribeiro, 2009, p. 63).

econômicas e demográficas e, assim, diminuir sua extrema dependência latifundiária e escravista. Nesse sentido, surgiram os processos migratórios, em que o Rio Grande do Sul foi um dos grandes destinatários de imigrantes europeus não portugueses, principalmente, alemães e italianos, sendo as regiões de mata o destino para o seu estabelecimento. O modelo de distribuição deste território foi baseado na ocupação de pequenos lotes de terra (Zarth, 2002).



Figura 1 – Mapa do Rio grande do Sul com a indicação das áreas de bioma Mata Atlântica (verde) e Pampa (amarelo).

Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul (2020).

Até a metade do século XX, a estrutura fundiária da região de Pampa se manteve, grosso modo, sem grandes transformações. A estagnação na estrutura fundiária das regiões de campo pastoril é explicada pelo poder que os *estancieiros* obtinham perante o Estado e pela sua capacidade de repelir qualquer tentativa de reordenação fundiária (Zarth, 2002, p. 1972). Devido a esse movimento, os *estancieiros* mantiveram suas extensas propriedades conservadas por boa parte do século XX. Em oposição aos campos de bioma Pampa, as áreas de Mata, em função do processo de colonização e distribuição de pequenas áreas de terra (um lote colonial tinha cerca de 25 ha), obtiveram grande crescimento populacional. Dessa forma, o mercado interno desta região estava em pleno desenvolvimento com a formação de grande número de municípios, subdivididos em vários distritos e que posteriormente transformaram-se em municípios de pequeno porte. O aumento demográfico, sobretudo no meio rural, incentivou o desenvolvimento das trocas comerciais de produtos agrícolas e manufaturados. Nesse período, anterior à Segunda Guerra Mundial, a maior parte da população dessas regiões era rural e praticava a agricultura tradicional, características que iriam contrastar diretamente com o modelo agrícola que seria instaurado no Brasil a partir do período pós-Segunda Guerra Mundial (Brum, 1988; Chelotti, 2009; Silva Neto & Frantz, 2003).

2.2 A modernização agrícola e a ocupação dos territórios agropecuários: o caso do Pampa gaúcho

Após o quadro de devastação da Segunda Guerra Mundial, o Brasil recebeu o papel de “celeiro agrícola mundial”, e com a abertura do mercado internacional, muitas multinacionais, em especial estadunidenses, instalaram-se no país. Fato esse que criou uma forte interdependência internacional, não somente nas cidades, mas também no meio rural brasileiro (Brum, 1988; Silva, 1996; Veiga, 2006). Este processo foi atenuado nos governos militares (1964-1985), quando o desenvolvimento do complexo agroindustrial criou a necessidade de uma transformação rápida no meio rural. A agricultura deveria passar por uma forte modernização buscando aumentar seus índices produtivos. A ênfase na exportação de produtos primários e a abertura do mercado através da internacionalização da economia tornou necessário o aumento da escala produtiva e, por consequência, o estabelecimento de novas divisas agrícolas. Além disso, o aumento da população urbana desenvolvia um mercado interno consumidor em plena expansão (Silva, 1996).

É nesse período que entra em vigor o projeto da chamada “modernização conservadora” da agricultura, conservadora porque não altera a estrutura fundiária altamente concentrada, mantém, assim, as desigualdades provenientes desta concentração (Guimarães, 1977). Implementado, sobretudo, no decorrer das décadas de 1960, 1970 e 1980, o projeto tinha na chamada “Revolução Verde”³ o programa a ser seguido. Esse processo teve seu pontapé inicial em meados do século XX com o cultivo de trigo na região do Planalto gaúcho, sendo uma atividade fortemente apoiada pelo Estado, tendo em vista o aumento do consumo interno do cereal em razão da urbanização do país. Até o início da década de 1970, a triticultura no Rio Grande do Sul foi o grande carro chefe do processo de modernização agrícola no país. O casamento entre soja/trigo trouxe bons resultados, no entanto, a expansão da soja ganhou maiores desdobramentos em função de sua característica tropical em detrimento ao trigo. Assim, a soja inicia na década de 1970 sua expansão a nível nacional, estando de mãos dadas com o processo de modernização conservadora (Brum, 1988; Gazzoni & Dall’agnol, 2018; Fernández, 2007).

A soja é a responsável pela mudança de paradigma no avanço territorial da agricultura moderna no país. Os resultados positivos na combinação com o trigo fizeram com que muitos *colonos* fossem em busca de novas terras, já que as escassas áreas nas regiões de Mata Atlântica do Rio Grande do Sul limitavam o avanço de suas lavouras. Entretanto, alguns pontos importantes devem ser frisados para entendermos o crescimento da lavoura de soja no Rio Grande do Sul. 1) as políticas fiscais de incentivo ao trigo nas décadas de 1950 a 1970 acabaram beneficiando, também, o cultivo da soja, pois as lavouras eram cultivadas no verão nas mesmas áreas do trigo no inverno; 2) os maquinários utilizados para o trigo, com alguns ajustes, poderiam ser igualmente utilizados para a soja; 3) no ano de 1967, foi lançada no RS a Operação Tatu⁴; 4) a utilização da soja como farelo proteico na ração de animais para o consumo; 5) as mudanças na

³ A chamada “Revolução verde” foi um programa que tinha como objetivo explícito contribuir para o aumento da produção e da produtividade agrícola no mundo, através do desenvolvimento de experiências no campo da genética vegetal para a criação e multiplicação de sementes adequadas às condições dos diferentes solos e climas e resistentes às doenças e pragas, bem como da descoberta e aplicação de técnicas agrícolas ou tratamentos culturais mais modernos e eficientes. Através dessa imagem humanitária, ocultavam-se, no entanto, poderosos interesses econômicos e políticos ligados à expansão e fortalecimento das grandes corporações a caminho da transnacionalização (Brum, 1988, p. 44).

⁴ Lançada em 1967, a Operação Tatu foi um projeto do governo federal para incentivar o plantio de trigo, aliando-o ao de soja. Tinha esse nome porque as técnicas sugeridas exigiam buracos mais profundos na terra, e foi o primeiro pacote de tecnologia agrícola do país que abriu caminho para financiamento de maquinários via Banco do Brasil. A Operação Tatu prescrevia o uso de calcário para corrigir a acidez dos solos e de adubos químicos, além de sementes melhoradas e o uso de modernas máquinas de preparo do solo, plantio e colheita. Por ter escapado da seca daquele ano, resultado creditado ao uso do calcário, o modelo fez sucesso e ambas as culturas foram crescendo no país, até que em 1972 o valor da saca do trigo caiu vertiginosamente no mercado e a soja seguiu seu caminho para o Cerrado (Gazzoni & Dall’agnol, 2018, p. 51).

dieta dos países centrais, onde a gordura animal é substituída pelos óleos vegetais, sobretudo óleo de soja (Brum 1988; Gazzoni & Dall'agnol, 2018).

O avanço do cultivo da soja no Brasil foi contínuo e expressivo ao longo dos últimos 50 anos, iniciado no Planalto gaúcho, foi ganhando corpo no Paraná e no Mato Grosso e avançando ao longo de décadas para todo Centro-Oeste e Norte. O avanço da lavoura de soja no Pampa gaúcho também é consequência do processo de modernização, no entanto, é somente na década de 1990 que este processo avança e se expande na virada do milênio. Quatro fatores principais são atribuídos ao avanço da soja nesta região: 1) a crise da pecuária atinge fortemente a dinâmica econômica e social dos *estancieiros* e da *pecuária familiar*, que entram em crise abrindo espaço para outros agentes sociais ocuparem a terra, seja pelo arrendamento ou pela aquisição; 2) a criação do Pronaf e seu aumento progressivo de recursos alocados para os agricultores familiares, em que os maiores beneficiários foram os agricultores familiares da região Sul, oportunizando a mecanização e, assim, a expansão de suas atividades, incluindo a migração para regiões tradicionalmente de pecuária; 3) a entrada da soja transgênica, aumentando os índices produtivos da atividade e reduzindo os custos de produção; 4) a China, em um processo de crescente urbanização e transição para uma dieta baseada em proteína animal, aumentando expressivamente a demanda por soja *in natura* para a compor a dieta de animais e, assim, abastecer seu mercado interno de carnes, processo em que o Brasil entra como principal exportador do grão (Aquino et al., 2018; Miranda, 2011; Piccin, 2021; Wilkinson, 2023).

A Figura 2 ilustra as transformações no uso e cobertura do solo ao longo das últimas quatro décadas no Rio Grande do Sul. A utilização das categorias foi baseada na não sobreposição de culturas na mesma área, ou seja, culturas de inverno como trigo e pastagens cultivadas (avevém, aveia etc.) que são cultivadas nas mesmas áreas de soja não formam as categorias a seguir, portanto, essas culturas não estão selecionadas no mapeamento. Posto isso, foram selecionadas as áreas de cultivo da soja, arroz, onde há preservação de formação campestre nativa, em geral no bioma Pampa e onde há formação florestal.

Analisando a Figura 2, podemos identificar que nas últimas quatro décadas houve a transformação das áreas de formação campestre nativa em cultivo da soja, bem como que as áreas de formação florestal mantêm um padrão constante de preservação. Dito isso, o município de São Martinho da Serra/RS, área de estudo, sintetiza muito bem o processo abordado nesta seção, visto que sua transformação no uso e cobertura do solo acompanha a chegada dos primeiros descendentes de imigrantes italianos na década de 1980, inicialmente, arrendando algumas áreas para plantar batata inglesa⁵ e, posteriormente, com a ampliação do processo de arrendamentos e aquisições de terras e aproveitando o *boom* das *commodities* (descrito nos Resultados e Discussão). Na virada do século XX para XXI, ocorre a grande expansão da soja sobre os campos nativos, de modo que, a chegada de novos agentes no espaço e o processo de modernização estão diretamente relacionados às transformações ocorridas no município. Transformações estas que não ficam apenas no domínio territorial, mas também incluem questões socioculturais e ambientais que acabam se sobrepondo umas às outras nas disputas pelas terras.

⁵ Os *batateiros* foram os primeiros *colonos* a migrar para São Martinho da Serra/RS, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990, todos eles compartilhavam, nesse período, um objetivo em comum: expandir o plantio de batata inglesa. Estes *colonos* estavam estabelecidos em regiões que hoje pertencem ao município de Silveira Martins e ao distrito de Três Mártires (Júlio de Castilhos), localizadas em áreas de Mata Atlântica e que fazem divisa entre si. As regiões possuem características agrárias e fundiárias semelhantes: de relevo acidentado e compostas por pequenas propriedades familiares, em geral, de até 25 hectares e que pertencem, sobretudo, a descendentes de colonos italianos camponeses. A cultura da batata foi muito desenvolvida nesta região, tendo em vista, principalmente o relevo acidentado, mas também a grande disponibilidade de mão de obra familiar que caracteriza tradicionalmente as famílias estabelecidas na região. As limitações territoriais, famílias numerosas e doenças que acometiam as plantações de batata ocasionadas pela intensa utilização das áreas eram importantes entraves para a reprodução social das famílias colonas, que viram na migração para regiões de Pampa, como São Martinho da Serra/RS, uma oportunidade de melhoria de vida (Benetti, 2024, p. 104).

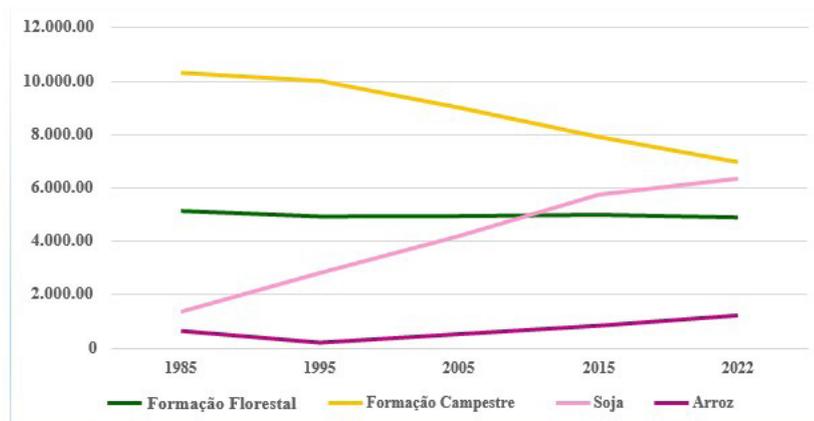


Figura 2 - Comportamento do uso e cobertura do solo por hectare no Rio Grande do Sul para as seguintes categorias: Formação florestal (linha verde); formação campestre nativa (linha amarela); soja (linha rosa claro) e arroz (linha roxa) respectivamente nos anos de 1985, 1995, 2005, 2015 e 2022.

Fonte: MapBiomias (2024), adaptação do autor.

3. Metodologia

Por meio de uma pesquisa qualitativa, analisou-se as transformações socioculturais, ambientais e produtivas que ocorreram em São Martinho da Serra/RS a partir da chegada de agricultores descendentes de imigrantes italianos originários da Quarta Colônia de imigração/RS. Em meados da década de 1980, este grupo iniciou um processo de migração para as regiões de Pampa. Nesse sentido, São Martinho da Serra/RS localiza-se em área de transição entre os biomas Mata Atlântica e Pampa, sendo um dos municípios a receber a categoria social representada pelo grupo pesquisado, denominados *gringos*.

O meio rural da região de colônia de onde o grupo é descendente (Quarta Colônia) possui uma composição social em que predominam famílias de *colonos*, sobretudo, descendentes de imigrantes italianos e alemães, e a estrutura fundiária se caracteriza por pequenas propriedades (Neumann, 2003; Guimarães & Gehlen, 2015). Portanto, podemos estabelecer, aqui, um grupo de pequenos agricultores familiares ligados historicamente à agricultura como meio de reprodução social, e destes agricultores originou-se o grupo pesquisado. Já São Martinho da Serra, município para onde os *gringos* migraram e onde foi feito o trabalho de campo, possui uma dinâmica socioeconômica forjada historicamente por grandes proprietários de terra chamados de *estancieiros*, produtores de pecuária extensiva (Pedrazzi & Costa, 1999). Posto isso, no decorrer das últimas décadas, o município vem experimentando uma transformação, passando de um modelo baseado na pecuária extensiva para um modelo agrícola altamente tecnificado baseado na produção de soja.

Deste modo, foram realizados levantamentos bibliográficos sobre a temática, dados secundários, além de uma imersão na trajetória de sete famílias de *gringos* que migraram da Quarta Colônia/RS para São Martinho da Serra/RS e que, atualmente, consideram-se médios e grandes proprietários de terra no município (a separação entre médios e grandes foi feita para fins didáticos, bem como para compreender como os *gringos* se percebem atualmente), cultivando entre 300 e 2.600 hectares de soja entre terras próprias e/ou arrendadas. Até 2022 o município possuía uma área agrícola de 34.123 hectares (MapBiomias, 2024). Para facilitar a visualização da dimensão territorial em controle da categoria entrevistada, a Figura 3 indica a quantidade de área própria, arrendada e total entre os grupos 1 e 2.

Grupo 1 (médios)	Área própria (ha)	Área arrendada (ha)	Área total (ha)
Otávio, 53 anos	146	414	560
Roberto, 44 anos	90	360	450
Luiz, 63 anos	200	100	300
Grupo 2 (grandes)	Área própria (ha)	Área arrendada (ha)	Área total (ha)
Vinicius, 40 anos	2.200	400	2.600
Augusto, 41 anos	2.000	0	2.000
Marcos, 55 anos	700	800	1.500
Carlos, 77 anos	100	1.500	1.600

Figura 3: Quantidade de área própria, arrendada e total em hectares entre os grupos 1 e 2 em São Martinho da Serra/RS.

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa de campo.

O recorte temporal (1980-2023) condiz com a época que as primeiras famílias migraram para São Martinho da Serra até o período em que foi realizado o trabalho de campo. Além disso, foi definido por quatro fatores principais: 1) O desenvolvimento do complexo agroindustrial (Silva, 1996); 2) O significativo aumento na demanda internacional por exportação de *commodities*, sobretudo no início dos anos 2000 (Wilkinson, 2023); 3) A queda na posição social de *estancieiros*, grandes proprietários de terra estudados por Piccin (2021); 4) A transformação na cobertura e uso da terra deste município no período de 1985-2022 (MapBiomias, 2024).

Para compreender as estratégias de reprodução social, alinhadas com as transformações no espaço social delimitado, foi utilizado o estudo da trajetória social destas famílias. Não obstante, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas, com sete famílias de *gringos* que migraram da Quarta Colônia/RS para São Martinho da Serra/RS. As famílias cultivam, atualmente, no mínimo 300 hectares entre terra própria e/ou arrendada.

Como instrumento de apreensão das condutas, trajetórias e ações, foi feita uma imersão na trajetória das sete famílias. Os nomes dos entrevistados foram preservados e, por isso, no decorrer do trabalho serão utilizados nomes fictícios.

4. Resultados e Discussões

4.1 São Martinho da Serra e a metamorfose socioespacial do território agropecuário

O município de São Martinho da Serra/RS pertence à região central do Rio Grande do Sul. A região caracteriza-se por ser de transição entre os biomas Mata Atlântica e Pampa, ou seja, naturalmente possui vastos campos levemente ondulados com vegetação campestre, bem como algumas áreas de formação florestal (Figueiredo, 2014).

O município pertence a uma das primeiras regiões que foram ocupadas no Centro do estado, resultado da disputa territorial entre espanhóis e portugueses que perdurou até o início do século XIX. As categorias sociais que fizeram parte do município ao longo de sua história vão desde tropeiros, escravizados, políticos, comerciantes, militares, indígenas, entre outros. Por volta de 1812, começa a doação das Sesmarias na região, onde os primeiros a serem

contemplados são os militares portugueses que conquistaram aquele território, processo em que são distribuídas de dez a doze propriedades. Nesse momento, forma-se o modelo *estancieiro* em São Martinho da Serra, e daí suas respectivas linhagens que influenciam até os dias de hoje as relações econômicas e sociais do município (Machado, 2004).

Não menos importante, o município também é formado por *pecuaristas familiares* que possivelmente são descendentes de tropeiros, colonos açorianos, escravizados, indígenas, entre outros (Pedrazzi & Costa, 1999). Neste trabalho, os *pecuaristas familiares* e *estancieiros*, por mais que sejam categorias sociais distintas, serão abordados de modo parecido, tendo em vista que o foco da pesquisa são os *gringos* e eles não diferenciam as duas categorias sociais, a não ser pela quantidade de terra. Em suma, as práticas de gerenciamento e os cálculos econômicos dos *pecuaristas familiares* são parecidos com as grandes *estâncias*, ou seja, técnicas de manejo tradicionais, com pouca necessidade de apreensão de novas tecnologias e manutenção da prática da bovinocultura de corte extensiva. Conforme Ribeiro (2009) aponta:

A estância gaúcha, a bovinocultura de corte e o ambiente (bioma Pampa) acabaram forjando um tipo diferenciado de agricultor familiar. Apesar da transformação das estâncias das sesmarias em estâncias menores (onde a produção em larga escala não é possível) a bovinocultura de corte permaneceu como atividade principal. Diminuiu (e em alguns casos terminou) a utilização de mão de obra assalariada, mas não se modificou a atividade principal. Apesar da bovinocultura de corte ser considerada uma atividade que exige áreas maiores ou a intensificação da atividade, os *pecuaristas familiares* permanecem criando extensivamente em pequenas áreas. Ribeiro (2009, p. 135).

As poucas informações coletadas sobre o funcionamento das estâncias e das propriedades de *pecuaristas familiares* em São Martinho da Serra vieram da bibliografia e dos relatos dos entrevistados (*gringos*), portanto, de um grupo externo à racionalidade destas categorias sociais. Deste modo, vamos nos basear centralmente no trabalho de Piccin (2021), pesquisador que fez a reconstrução histórica e sociológica bourdieusiana do patronato estancieiro no estado do Rio Grande do Sul, em um recorte temporal entre 1920-2019. As mudanças econômicas abordadas no trabalho que afetam diretamente os *estancieiros* não deixaram de afetar os *pecuaristas familiares*, de modos diferentes, porém afetam sua principal atividade produtiva e econômica. Deste modo, os *pecuaristas familiares* serão englobados, dentro dos limites, pelas transformações no que diz respeito à conjuntura da pecuária.

De acordo com Piccin (2021), em 1930, os *estancieiros* gaúchos passam por uma “metamorfose”. De modo geral, até este período, o grande produto da atividade estancieira era o charque, servindo de alimento aos escravos das lavouras de açúcar no Nordeste e de café no Sudeste. A partir de 1930, a criação de uma Rede de cooperativas-frigoríficos que se espalhou pela campanha gaúcha, denominada Instituto de Carnes e que era controlada pelos próprios *estancieiros*, fez a categoria tornar-se a principal fornecedora de carnes frigorificadas (produto nobre), destinadas ao mercado interno e externo no país, tendo total controle da oferta e dos preços do produto. Esse processo trouxe segurança econômica e social aos *estancieiros* pelo menos até a década de 1980 (Piccin, 2021). Portanto, mesmo em plena expansão do processo de modernização agrícola no Brasil, a maior parte das regiões do Pampa seguiram suas atividades tradicionais ancoradas na pecuária extensiva, tendo em vista a manutenção dos bons preços pagos ao kg do boi vivo, que viabilizaram a manutenção do modelo:

A comparação com o índice de preços da lavoura, ou seja, dos preços pagos aos agricultores, serve para perceber que a atividade pecuária de corte valorizou mais que os cereais das lavouras comerciais (em especial o arroz, a soja, trigo e milho). [...] A pecuária valoriza mais que as atividades agrícolas mesmo a partir dos anos 1960, quando o Governo Federal lança uma série de políticas de incentivo à produção de arroz, trigo e soja [...] (Delgado, 1985 apud Piccin, 2021, p. 97).

No final da década de 1980, a crise no preço pago pelo kg do boi vivo se instaura, dando início a um processo de transformações nas relações de poder no território agropecuário estancieiro do Rio Grande do Sul. O fator determinante para a crise passa principalmente pela deficiente oferta bovina disponibilizada aos frigoríficos pelos *estancieiros*, determinando a quebra da rede de cooperativas-frigoríficos e, assim, a queda no preço do boi vivo (Piccin, 2021). A Figura 4 demonstra o comparativo de preços reais pagos ao produtor pelo kg do boi vivo entre os anos de 1977 e 2006 para o RS. Foram feitas as correções monetárias referentes aos planos econômicos em cada período, atualizando os preços para o real, sendo estes deflacionados para dezembro de 2006 pelo Índice Geral de Preços (IGP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) (Piccin, 2021).

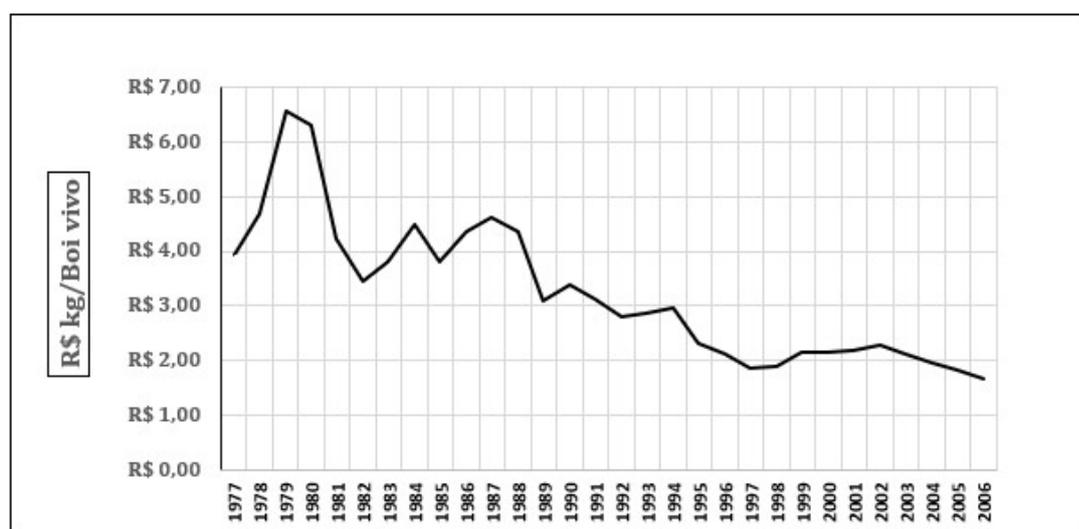


Figura 4 - Comportamento do preço do Boi vivo entre 1977-2006.

Fonte: Viana et al. (2009, p. 1113) apud Piccin (2021, p. 97). Adaptação do autor.

Ademais, diante da conjuntura política e econômica por que passava o Brasil no final da década de 1980, algumas alterações nas leis trabalhistas pós-Constituição de 1988, especialmente a efetiva aplicação dessa legislação, trouxeram mudanças nas relações de trabalho, fato que afetou diretamente as estratégias de dominação dos *estancieiros* perante seus empregados. Os acordos de trabalho baseados na relação de confiança perdem valência, ou seja, judicialmente os empregados estão amparados pela lei, fato que obriga os *estancieiros* a “internalizar as regras de funcionamento do modo de dominação legal, pois, caso contrário, maior se torna o risco de se ver em pé de igualdade com seus subordinados perante as esferas judiciais” (Piccin, 2021, p. 278).

É nesse contexto de crise que a venda e o arrendamento das terras tomam corpo como uma estratégia dos *estancieiros* de São Martinho da Serra, não somente deles, mas também dos *pecuaristas familiares* que foram, também, prejudicados pela crise da pecuária. A partir de 1990, as atividades agrícolas ganham cada vez mais território, não só no município, mas em todo bioma Pampa. Especificamente em São Martinho da Serra, a expansão das lavouras de soja é acompanhada pelo aumento da migração de descendentes de *colonos* italianos originários de regiões da antiga Colônia de Silveira Martins (região central do RS), tendo em vista as datas relatadas pelos entrevistados e pelos dados disponibilizados na Figura 5 a seguir.

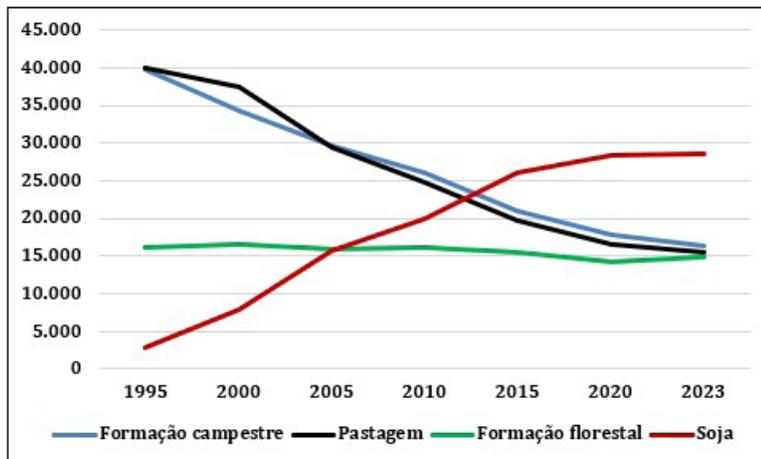


Figura 5 - O uso e cobertura do solo por hectare no município de São Martinho da Serra/RS entre 1995-2023.

Fonte: Atlas das Pastagens (2024); MapBiomias (2024). Adaptação do autor.

Conforme a Figura 5, o comportamento do uso e cobertura do solo no município, em geral, não se diferenciou da tendência das regiões que fazem parte do bioma Pampa (Figura 2). No município a soja avançou, sobretudo a partir de 1995 em detrimento da formação campestre nativa, utilizada historicamente como pastagem pela pecuária extensiva. Com efeito, a Figura 6 ilustra o comportamento do efetivo bovino e ovino, ligados às principais atividades produtivas do município até a expansão da soja.

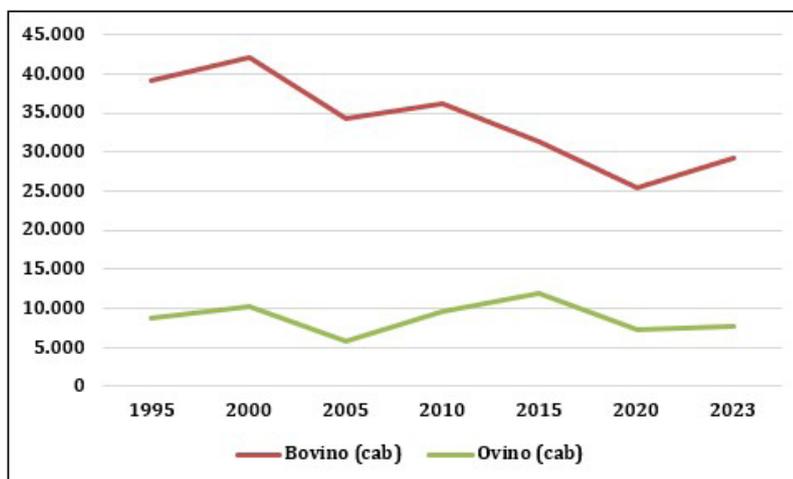


Figura 6 - Comportamento dos efetivos bovino e ovino em unidade animal no município de São Martinho da Serra entre 1995-2023.

Fonte: Departamento de Economia e Estatística (2024)

A principal modificação está no decréscimo do efetivo bovino a partir dos anos 2000. A Figura 6 demonstra que entre 2000 e 2020 o município chegou a diminuir aproximadamente 39,5% de seu efetivo bovino. Do mesmo modo, as áreas dedicadas a pastagens perderam 55% de sua área total, enquanto a área total dedicada a soja aumentou aproximadamente 72% no mesmo período (Figura 5). Outro fator importante, no que diz respeito aos índices de atividade pecuária trazidos na Figura 6, é que os *gringos* também se utilizam dessa atividade como fonte de renda, sendo pela compra de animais para a engorda em pastagens cultivadas de inverno

ou pelo sistema de confinamento (caso de um dos entrevistados). Esse fator explica até certo ponto o porquê de o efetivo bovino não ter um decréscimo ainda maior e constante (Figura 6) comparado às áreas de formação campestre natural e pastagens (Figura 5). Existe, portanto, uma estratégia utilizada pelo grupo analisado de lançar mão das pastagens de inverno quando o preço do kg do boi vivo está compensando, caso contrário, fazem lavouras de trigo.

O mais importante, nesse sentido, é que não houve apenas uma conversão da atividade pecuária para a soja, mas sim a passagem do gerenciamento destas terras para outra categoria social (*gringos*). Portanto, seja através do arrendamento ou da venda das áreas, os pecuaristas resolveram se desfazer parcialmente ou totalmente do gerenciamento da atividade produtiva de suas terras, passando a utilizar-se de outras estratégias de reprodução social, dentre elas a venda de suas propriedades para a compra de áreas mais baratas em outras regiões. O relato de um dos *gringos* que adquiriu uma expressiva área de um dos grandes *estancieiros* do município dá um indicativo desta estratégia:

Como a agricultura começou a entrar muito aqui em São Martinho, começou a valorizar a terra. O que eles (estancieiros) viram foi que vendendo aqui eles poderiam comprar o dobro, o triplo na região Sul, então eles fizeram essa migração. Tipo, esse que nos vendeu aqui, ele vendeu e comprou uma fazenda no Uruguai. Uma parte torrou o dinheiro e outra parte ele nos vendeu aqui e comprou no Uruguai (Vinícius, 40 anos).

O arrendamento surge também como estratégia dos pecuaristas. Desde a chegada dos primeiros descendentes de *colonos* italianos no município, em meados de 1980, o arrendamento é praticado. Nesse período, ainda com as terras pouco valorizadas, os pecuaristas exigiam apenas a pastagem de inverno cultivada, como descreve um dos entrevistados, sobre como eram feitos os acordos pelos primeiros arrendamentos:

Na realidade, em função das pastagens de inverno, praticamente eles (estancieiros) quase davam as áreas. Praticamente nem cobravam o arrendamento ou era insignificante, só para ter uma lavourinha de pastagem. Porque em si eles não trabalhavam com pastagem de inverno (Otávio, 53 anos).

A questão central é que a crise da pecuária, junto ao avanço da agricultura capitalista, representada pela modernização agrícola, colocou o *estancieiro* em uma posição de abandono do gerenciamento de suas terras, já que as novas práticas agrícolas modernas exigem do proprietário uma interação próxima com as atividades da propriedade. Nesse sentido, há um descompasso entre tais exigências atuais e a posição de classe dominante histórica do *estancieiro*, que sempre se mantinha distante da propriedade, deixando a cargo de um capataz a gestão das atividades da estância. Bourdieu (1983) chama isso de “efeito de histerese”. Para os *estancieiros*, a aproximação com as atividades da propriedade os coloca em situação de necessidade, o que sugere uma queda na posição de classe dominante de senhores de terra, consequente de sua herança de linhagens aristocráticas. Portanto, para os *estancieiros* a passagem do gerenciamento das terras para os *gringos* não significa apenas uma estratégia econômica, mas sim um posicionamento de classe que confere posição na estrutura social. Eles passam as terras, mas reinvestem seus capitais em outros locais, tentando manter sua posição privilegiada. Piccin (2021) argumenta sobre o contraste que existe entre o universo estancieiro e os *gringos* quanto ao trabalho na propriedade:

[...] no espaço social não é segredo a ninguém como se faz dinheiro entre os grandes proprietários de terra, não se trata de ignorância que se cura com divulgação de informações, mas o universo estancieiro prefere tomar distância de uma situação de classe, para usar como exemplo, dos descendentes de *colonos* pequenos proprietários. Os *gringos* são estigmatizados ao longo de décadas por utilizarem a própria família no trabalho

cotidiano na terra, não ter acesso a mesma vida social e serem obrigados a uma restrição planejada do consumo a fim de economizar na expectativa de garantir a reprodução social de seus filhos como pequenos proprietários por meio da compra de áreas de terra e/ou para aumentar sua própria área (Piccin, 2021, p. 333).

Além disso, o autor ainda demonstra que os cálculos econômicos utilizados pelos *estancieiros* na gestão de suas propriedades não condizem com as exigências da agropecuária empresarial que ditam atualmente “as regras hegemônicas do campo econômico” (Piccin, 2021, p. 291), como complementa a descrição de um dos entrevistados (*gringos*) sobre uma das raras propriedades de São Martinho da Serra que ainda conserva a pecuária extensiva nos moldes tradicionais (estância), atrelando-a a práticas “atrasadas” em relação às exigências da pecuária de hoje em dia:

Essa família Silva⁶, tem um deles que tem mais de mil hectares, e ele não quer lavoura enquanto estiver vivo, ele não gosta da lavoura, e diz que o campo foi feito pro gado se criar inverno e verão. É aquele cara que bota no máximo um animal por hectare. Hoje não existe mais pecuária com um animal por hectare, os caras estão investindo em alimentação, tipo de pasto, pra botar quanto mais kg por hectare pra poder ter mais margem possível. Então, eles não acompanharam a evolução da coisa. Tem gente que tem 2 hectares e tem 30 animais, por exemplo, com alimentação e manejo. Eles seguem naquela pecuária extensiva ainda, porque pra eles, o animal tem que sair com 600 kg do campo pro abate e hoje ninguém mais quer uma carne dura. Porque hoje, o pessoal quer comer uma carne macia, animal com carne macia é até 3 anos, depois já começa a ficar firme. Então mudou tudo, mas eles continuam naquele tipo de criação de gado daquela forma ainda (Roberto, 44 anos).

Diante desta conjuntura, os *gringos* que migraram para São Martinho da Serra, em um primeiro momento, nos anos 1980 e 1990, em busca de novas terras para o plantio de batata, atualmente estão entre os maiores proprietários de terra do município e com expressiva acumulação de capital econômico. Se considerarmos também as terras arrendadas, podemos afirmar que atualmente são raras as propriedades que mantêm a pecuária extensiva como atividade principal, bem como o gerenciamento total da área pelos pecuaristas. Ou seja, tanto os *pecuaristas familiares* quando os *estancieiros* abrem mão, em geral, de pelo menos uma parte de suas terras para o arrendamento aos *gringos*. Isso se deve, também, a uma estratégia dos pecuaristas que arrendam suas terras, pois os *gringos*, ao transformarem os campos nativos em lavoura, valorizam as áreas que são de propriedade dos pecuaristas.

Esse modelo de gerenciamento das terras só foi possível pela expansão territorial dos *gringos*, que somente foi significativa quando, em detrimento da batata, a soja se tornou atividade principal deste grupo. No início dos anos 2000, grande parte dos entrevistados já havia colocado o cultivo de soja como principal atividade. Diferente da batata, a soja altamente mecanizada exige menos mão de obra e mais área para que seu cultivo seja viável. Com algumas áreas já adquiridas e outras arrendadas, junto à valorização do grão no mercado internacional e à mecanização, potencializou-se a estruturação dos *gringos*, e, a partir deste período, o município tornou-se um grande produtor de soja.

4.2 A sociedade dos gringos: produção de soja, concentração de terras e trabalhadores de fora

A chegada dos *gringos* em São Martinho da Serra não trouxe consigo apenas uma transformação produtiva, passando da tradicional pecuária extensiva para a agricultura, trouxe também novas relações socioculturais e ambientais para o município. O já citado contexto de crise da pecuária colocou à luz do dia as diferenças sociais entre grupos que possuem diferentes

⁶ Nome fictício dado à família.

disposições diante das novas exigências derivadas da modernização agrícola. Os *pecuaristas familiares* e *estancieiros* não se veem na atividade agrícola moderna, o que não se deve apenas a questões econômicas, mas, também, a suas disposições em se manterem na atividade que tradicionalmente moldou suas características como categoria social. Silva & Viana (2020) argumentam que as motivações dos pecuaristas não são somente determinadas por questões econômicas e produtivas, mas também por motivações de ordem não econômica, como hábitos e padrões de conduta que moldam suas decisões individuais.

Do lado dos *gringos*, em contraste aos pecuaristas, a atividade agrícola sempre fez parte da reprodução social deste grupo, sendo todos os entrevistados descendentes de agricultores. Nesse sentido, questões importantes que diferenciam os grupos são destacadas nas entrevistas. Por exemplo, o contexto de escassez de recursos em que os migrantes encontravam-se na Itália tornou a possibilidade de serem proprietários de pequenos lotes de terra no Sul do Brasil algo atraente e que potencializou o ideário de uma vida melhor (Zarth, 2002), algo que continua presente na fala de seus descendentes, uma vez que a frase “buscando sempre melhorar de vida” foi repetida por todos os entrevistados quando perguntados sobre a principal motivação quanto a migrar para São Martinho da Serra/RS. O ponto de partida da escassez de terra contrasta essencialmente com os grandes *estancieiros*, maiores proprietários de terra do município. A valorização da terra, portanto, surge como fator de distinção entre os *colonos*, *estancieiros* e *pecuaristas familiares*, como sugere a visão de um dos entrevistados sobre a facilidade com que a terra é vendida ou arrendada pelos grupos originários de São Martinho da Serra/RS:

Vou ser direto e não quero condenar eles. Na realidade eles nunca derramaram uma gota de suor pra adquirir as terras. [...]. Então, eu atribuo que quando uma pessoa não derrama uma gota de suor e não sabe de onde vem, eu acho que eles se desfazem bem fácil (Otávio, 53).

Cabe chamar a atenção para o contexto histórico-agrário de São Martinho da Serra, que contrasta diretamente com a Colônia de Silveira Martins. Este contraste é descrito por todos os entrevistados principalmente em dois aspectos 1) o baixo preço da terra em São Martinho da Serra na chegada dos *gringos*; 2) a quantidade de terra disponível para a expansão agrícola. Ao analisar a fala do entrevistado Otávio, 53, percebemos que a categoria *trabalho* também entra, para os entrevistados, como distinção entre os grupos. Para os *gringos*, o trabalho exercido pelos pecuaristas não é considerado de valor. Importante frisar que, nesse aspecto, os *gringos* referem-se aos *pecuaristas familiares* ou aos empregados das estâncias, tendo em vista, como citado anteriormente, o distanciamento dos *estancieiros* das atividades produtivas. Entretanto, nas entrevistas não há diferenciação entre *estancieiros* ou *pecuaristas familiares* quanto à relação com a terra e quanto ao trabalho; para os *gringos* eles são o mesmo grupo social. Na fala de um dos entrevistados, percebe-se a desvalorização do trabalho tradicional relacionado à pecuária e da cultura destes agentes:

O pessoal daqui não gosta de trabalhar. Trabalhar não é com eles, gostam de andar a cavalo, rodeio e isso e aquilo. E hoje, se tu não trabalhar e administrar direito, não funciona. O que eu vejo é que os caras acharam melhor arrendar as áreas, viver do arrendamento do que eles próprios trabalharem. E eles são muito atrasados, não acompanharam a evolução, desde o gado. Às vezes o pessoal fala, “não, mas tu expulsou o fulano de lá”, não fui eu que expulsei ele, eu não obriguei ele a vender a área, ele vendeu porque achou que era um bom negócio e eu acho que graças aos produtores de soja, os gringos que vieram aqui, é que valorizou essas terras (Marcos, 55).

Neste “choque cultural”, a desvalorização da atividade pecuária extensiva e a valorização da agricultura moderna, com a qual os *gringos* possuem maior proximidade em relação aos

pecuaristas, transformaram São Martinho da Serra em um grande produtor de soja, sendo essa transformação derivada de fatores históricos/conjunturais, mas também de diferenciações sociais entre os grupos que fazem parte do espaço pesquisado. A ideia de que os *gringos*, através do plantio de soja, trouxeram dinamismo e desenvolvimento para a região não é novidade. Silva & Sacco dos Anjos (2020) identificaram em Jaguarão/RS o mesmo fenômeno: a maior parte dos sojicultores vieram de fora do município e defendem o discurso de que a soja é sinônimo de modernidade e pujança, sendo a “salvação” da região.

Dito isso, a seguir serão demonstrados alguns dados secundários, junto a relatos dos entrevistados que vão ao encontro da análise trazida até aqui. Como destacado, anteriormente, nas Figuras 5 e 6, entre os principais resultados foram identificados os altos índices de conversão de campos nativos em lavouras de soja nas últimas décadas, chegando a aproximadamente 70% do território agropecuário de São Martinho da Serra. A Figura 7, abaixo, ilustra este processo através de mapas que facilitam a visualização desta conversão. As principais transformações no uso e cobertura do solo, sobretudo a conversão de formação campestre nativa em soja, segundo o relato dos entrevistados, coincide com o período de passagem do cultivo de batata para a soja feita pelos *gringos*.

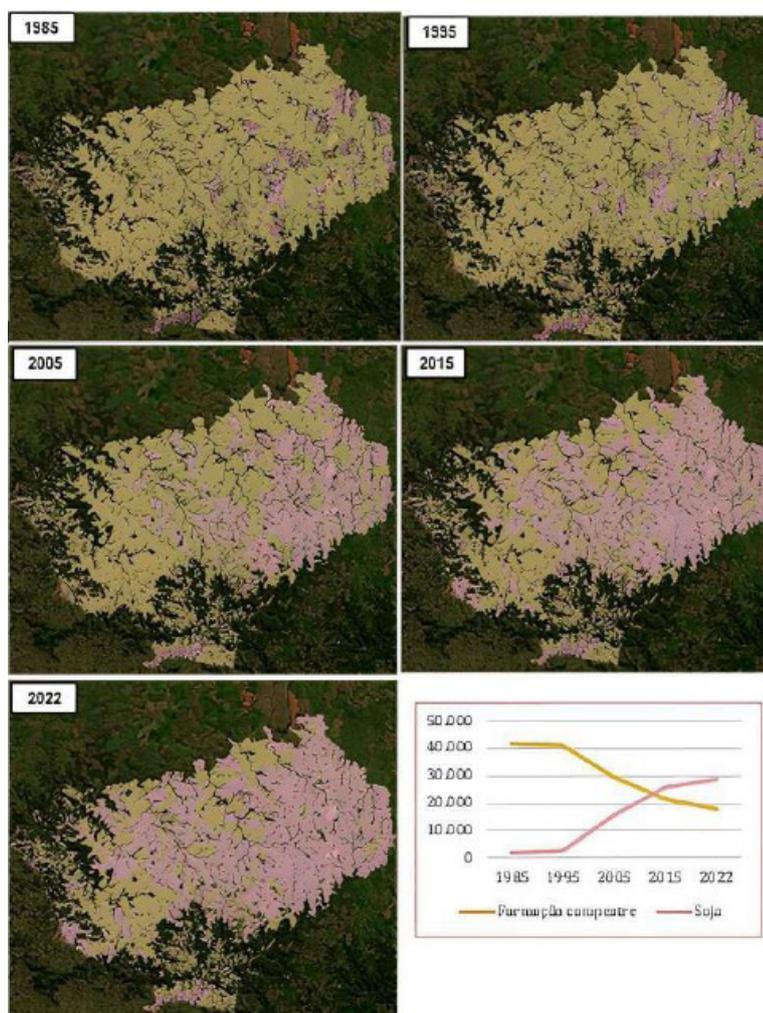


Figura 7 – Avanço da soja em áreas de formação campestre em São Martinho da Serra/RS nos anos de 1985, 1995, 2005, 2015, 2022.

Fonte: MapBiomias (2024). Adaptação do autor.

A Figura 7, portanto, indica que entre 1995 e 2005 houve o grande avanço da soja no município, isso vai de encontro ao apontado pela bibliografia e aos relatos dos entrevistados, que mencionam que foram diminuindo a produção de batata e passando para a produção de soja neste período. A grande motivação, segundo os entrevistados, foi a valorização da soja na entrada dos anos 2000 e a menor exigência de mão de obra na produção de soja em relação à batata. Os *gringos* entrevistados relataram que havia facilidade tanto de compra quanto arrendamento de áreas em São Martinho da Serra.

Atualmente, o município possui 2.860 habitantes, o equivalente a 4,27 habitantes/km², com uma área total de 669.547 km². As Figuras 8 e 9 indicam o aumento da concentração de terra dos estabelecimentos agropecuários entre 2006 e 2017. Nesse período, houve redução de 28% no número total de estabelecimentos agropecuários e aumento de aproximadamente 17% da área total de estabelecimentos agropecuários.

Nº Total de Estabelecimentos/área	2006	2017
0,5 a 20 hectares	508 (58%)	313 (49%)
20 a 100 hectares	309 (35%)	255 (40%)
200 a 500 hectares	55 (6,20%)	52 (8,20%)
1000 a 2500 hectares	4 (0,40%)	8 (1,27%)
2500 a 10000 hectares	-	1 (0,15%)
Total de estabelecimentos	877	620

Figura 8 – Evolução do número de Estabelecimentos Agropecuários em São Martinho da Serra/RS entre 2006 e 2017.

Fonte: Censo Agropecuário (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2006, 2017). Adaptação do autor.

Área total/tipo de Est. Agropecuário	2006	2017
0,5 a 20 hectares	8,10%	4,40%
20 a 100 hectares	34%	24%
200 a 500 hectares	45%	40%
1000 a 2500 hectares	11,50%	21%
2500 a 10000 hectares	0%	9,10%
Área total	45.551 ha.	55.052 ha.

Figura 9 - Evolução das áreas dos estabelecimentos Agropecuários em São Martinho da Serra entre 2006 e 2017.

Fonte: Censo Agropecuário (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2006, 2017). Adaptação do autor.

Observa-se a diminuição do número de estabelecimentos e o aumento da área. As Figuras 8 e 9 indicam que entre 2006 e 2017 esse fenômeno se aplica ao aumento de estabelecimentos com mais de 1000 hectares, passando de 1 estabelecimento em 2006 para 9 em 2017. De acordo com o relato de todos os entrevistados, ao serem apresentados os dados de quantidade e tamanho dos estabelecimentos agropecuários no município, o número de estabelecimentos com mais de 1.000 hectares (9 estabelecimentos) tem como proprietários, em sua maioria, os *gringos*. Soma-se a esse relato que apenas um grande estancieiro, com mais de 1.000 hectares, resiste na atividade de pecuária extensiva atualmente, sem arrendar nenhum hectare de sua área.

As características apresentadas estão de acordo com o aumento do Produto Interno Bruto municipal (PIB). A Figura 10 a seguir ilustra a evolução do PIB em São Martinho da Serra. Percebe-se que o grande salto nos valores parte de 2010, o que vai ao encontro da Figura 7.

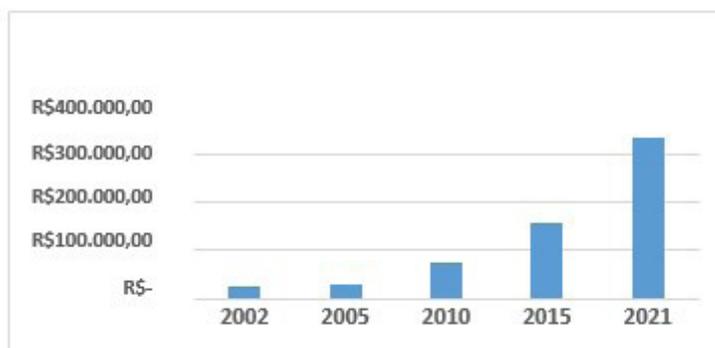


Figura 10 - Evolução do PIB de São Martinho da Serra entre 2002 e 2021 (em reais).
Fonte: IBGE Cidades Censo Agropecuário (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024).
 Adaptação do autor.

No entanto, mesmo com o aumento expressivo do PIB municipal (Figura 10), os Censos Demográficos têm demonstrado uma queda na população. Entre os Censos 2000 e 2010, houve uma queda na população rural em detrimento do crescimento urbano (Figura 11). O Censo Demográfico 2022, até o momento, disponibiliza apenas os dados da população total. Nesse sentido, entre 2000 e 2022, o município perdeu aproximadamente 13% de sua população total (Figura 11), indo na contramão do crescimento do PIB municipal (Figura 10).

	Ano 2000	Ano 2010	Ano 2022
População Urbana	780	942	-
População Rural	2466	2259	-
População Total	3246	3201	2822

Figura 11 - População urbana, rural e total dos Censos Demográficos de 2000, 2010 e 2022 São Martinho da Serra.
Fonte: Censo Demográfico (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2000, 2010, 2022). Adaptação do autor.

Mais da metade do PIB municipal é dependente do setor primário (Scoti et al., 2022). No meio rural, além do êxodo apontado anteriormente entre 2000 e 2010, também houve uma redução importante do total de pessoal ocupado. A Figura 12A demonstra a queda no pessoal ocupado, sobretudo entre 2006 e 2017.

De acordo com a Figura 12A, o total de pessoal ocupado no meio rural teve um leve aumento entre 1995 e 2006 e um significativo decréscimo de 27% entre os Censos Agropecuários de 2006 e 2017. Além disso, mesmo com o grande avanço da soja, sobretudo no século XXI (Figura 5), a pecuária em 2017 ainda obtinha maiores números de pessoal ocupado no meio rural em relação à lavoura temporária, onde a sojicultura se aplica (Figura 12B). Infelizmente, os Censos Agropecuários de 1995 e 2006 não disponibilizam estas informações, o que acaba impossibilitando uma comparação entre a evolução do pessoal ocupado na lavoura e na pecuária antes de 2017. Nesse sentido, dois fatores devem ser frisados: 1) a pecuária praticada pelos *pecuaristas familiares* envolve boa parte deste contingente de mão de obra das próprias famílias; 2) a tecnologia pertinente à produção da soja (mecanização e automação) cada vez

menos necessita de mão de obra direta, e sim de mão de obra tecnicamente qualificada para a prática de lavoura. A diminuição do pessoal ocupado no município vai ao encontro dos dados gerais do Brasil. Segundo o IBGE, houve entre os Censos Agropecuários de 2006 e 2017 um decréscimo de 1,5 milhão (8,8%) de pessoas ocupadas no meio rural brasileiro. Na direção contrária, está o crescente aumento da produção de soja no país. Nos últimos 10 anos, houve um aumento de 80,7% na produção do grão, sua produtividade cresceu 23,8% e a expansão territorial do cultivo atingiu o índice de 40% (Brasil, 2023).

(A) Total de pessoal ocupado no meio rural	
1995	2.083 pessoas
2006	2.120 pessoas
2017	1.542 pessoas
(B) Pessoal ocupado por atividade (2017)	
Pecuária	852 pessoas
Lavoura temporária	683 pessoas

Figura 12 – Total de pessoal ocupado no meio rural de São Martinho da Serra (1995-2006-2017) (A) e pessoal ocupado por atividade em 2017 (B).

Fonte: Censo Agropecuário (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1995, 2006, 2017). Adaptação do autor.

Um fator importante relatado pelos entrevistados dá indícios de que o pessoal originário do município de São Martinho da Serra não tem proximidade com atividades de lavoura. Quando perguntado sobre o pessoal empregado em sua propriedade, um dos entrevistados responde: “Eu pego lá de Silveira Martins (município de origem do entrevistado), pra se ter uma ideia, se eu tenho um serviço de plantar grama ou serviço de lavoura, de lidar com pedra e coisa, aí tem que pegar o pessoal de lá, aqui é difícil” (Marcos, 55 anos). O entrevistado se refere, sobretudo, à falta de mão de obra qualificada para o trabalho de lavoura, bem como à falta de proximidade entre as atividades tradicionais de pecuária e a moderna prática agrícola desempenhada pelos entrevistados. A Figura 13 demonstra a dimensão da empregabilidade que os *gringos* ofertam em suas atividades, sendo esses empregos, em sua totalidade, ocupados por trabalhadores da mesma origem dos *gringos*, ou seja, de fora de São Martinho da Serra.

Grupo 1 (médios)	Empregados fixos	Empregados temporários	Total
Otávio, 53	1	3	4
Roberto, 44	0	2	2
Luiz, 63	1	1	2
Grupo 2 (grandes)	Empregados fixos	Empregados temporários	Total
Carlos, 77	7	9	16
Vinicius, 40	10	4	14
Augusto, 41	8	4	12
Marcos, 55	6	2	8

Figura 13 - Nº de empregados fixos e temporários entre os entrevistados.

Fonte: Elaboração própria com base em dados da pesquisa de campo

As principais justificativas para a contratação de mão de obra externa ao município, segundo os entrevistados, envolvem duas questões principais: 1) a falta de conhecimento prático e tecnológico das atividades de lavoura do pessoal originário do município; 2) o fato de o tempo exigido no trabalho na lavoura se diferir fortemente do trabalho na pecuária extensiva (fins de semana, muitas horas seguidas de trabalho e pouco tempo de descanso em determinadas épocas). Os aspectos citados demandam tempo de adaptação dos trabalhadores, e, conforme os entrevistados, não há insistência ou interesse dos trabalhadores rurais originários de São Martinho da Serra nesse sentido. Em suma, a ocupação territorial das lavouras de soja tem relação direta com o pessoal ocupado no meio rural, pois a atividade acaba excluindo a mão de obra que reside no município e buscando mão de obra externa.

Em síntese, desde a chegada dos *gringos*, em meados da década de 1980, São Martinho da Serra vem passando por grandes transformações, pois o grupo trouxe consigo o processo de modernização da agricultura que realizou e que tomou corpo no município com o passar das décadas. A prática agrícola iniciada pelo grupo através do plantio de batata não gerou grandes avanços territoriais em função das características próprias do cultivo (pouca área é necessária). No entanto, quando a soja se tornou a principal atividade praticada pelo grupo, bem como se estabeleceu a crise pecuária entre *estancieiros* e *pecuaristas familiares*, a ocupação territorial do município pelos *gringos* foi rápida e transformadora. Uma transformação não só no uso e cobertura do solo, mas também ambiental, socioeconômica e cultural. É importante destacar que, com o avanço das propriedades, os *gringos* estão vendendo suas antigas propriedades nas colônias de onde descendem e construindo moradias permanentes em São Martinho da Serra. Além disso, estão cada vez mais inseridos na vida social do município, como destaca um dos entrevistados, referindo-se à inserção da categoria em uma das instituições locais: “A cultura aqui é outra, mas agora tá mudando, porque os *gringos* estão tomando conta até da igreja, já estão na presidência da igreja. Então, vai mudando, mas aqui cultura é outra (Vinicius, 40).

Atualmente, os *gringos* estão entre os agentes dominantes em relação ao território agropecuário do município de São Martinho da Serra e em relação ao poder econômico. As oportunidades que tiveram para acessar as terras, o *boom* da soja e as diferentes maneiras de encarar as mudanças no espaço social agrícola, essencialmente no período pós-modernização, fizeram com que a categoria obtivesse maiores disposições diante das exigências do campo econômico. Por consequência, houve a possibilidade de ascensão econômica e social em relação aos tradicionais proprietários de terra de São Martinho da Serra. O município obteve, com o avanço da soja, um importante crescimento de seu PIB. No entanto, o sucesso econômico não trouxe novos empregos para seus habitantes; pelo contrário, de certa forma trouxe desemprego, seja pelo fato de a atividade da soja ser altamente mecanizada e voltada para exportação *in natura*, seja por buscarem empregados nos seus locais de origem, da sua rede de relações.

5. Conclusões

O Pampa gaúcho é um dos biomas brasileiros que mais tem sido afetado pelo avanço da soja. Em termos proporcionais, foi o que mais perdeu vegetação nativa entre 1985-2021 (MapBiomas, 2024). Historicamente, o bioma adaptou-se a uma relação simbiótica com a pecuária de corte, fato esse que desenvolveu dinâmicas socioculturais particulares nestas regiões. Apesar de uma estrutura fundiária altamente concentrada de domínio de *estancieiros*, outras categorias sociais, como *pecuaristas familiares*, criaram uma relação inseparável entre a vida no meio rural e a pecuária (Ribeiro, 2009). Portanto, somando-se ao problema social da concentração fundiária

histórica do bioma, a expansão da soja colabora, também, para a exclusão socioeconômica dos *pecuaristas familiares* e cria um grande problema ambiental.

O primeiro ano de monitoramento disponibilizado pelo MapBiomias é 1985, ano que coincide com o período de expansão da modernização agrícola no Brasil. As áreas de Pampa, até então relativamente preservadas pela pecuária extensiva, tornam-se alvo da modernização em função da crise instaurada na pecuária de corte nos últimos anos da década de 1980. Com efeito, outros agentes sociais com maior proximidade com a agricultura e a modernização acabaram entrando nestas áreas, desencadeando a perda de vegetação citada anteriormente, que perdura até os dias atuais. Acrescenta-se a isso que a entrada de novos agentes traz consigo novas dinâmicas aos espaços sociais, sejam elas produtivas, culturais ou ambientais. Nesse contexto, São Martinho da Serra ilustra estas dinâmicas. As novas relações trazidas pelo grupo pesquisado (*gringos*) demonstram um contraste com a cultura tradicional do município. A categoria mão de obra ocupada no meio rural é central nessas novas relações socioculturais. Dois pontos corroboram para esta análise: 1) o PIB do município é, essencialmente, voltado para a produção agropecuária e 2) aproximadamente 70% do território agropecuário é utilizado, atualmente, para a produção de soja (MapBiomias, 2024).

Conforme os relatos do trabalho de campo, a produção de soja é praticada essencialmente pelos *gringos*, através da compra ou do arrendamento das áreas e buscando pessoas “de fora” para compor a mão de obra dessas lavouras. A partir disso, podemos concluir que, em relação ao emprego rural municipal, a chegada dos *gringos* modificou a dinâmica de contratação de mão de obra, de modo que as contratações são externas ao município, acarretando, assim, no desemprego e no êxodo rural. Além disso, a modernização agrícola levada pelos *gringos* não soluciona o problema histórico de concentração fundiária, pelo contrário, soma-se a ele a problemática ambiental vinda na esteira desse processo, demonstrando que não existe outra relação, até então, entre os *gringos* e o município, a não ser a estritamente produtiva. Essa falta de interação entre os novos agentes dominantes e a cultura municipal, no entanto, parece estar diminuindo conforme os *gringos* constroem suas moradias permanentes em São Martinho da Serra. Segundo os relatos dos entrevistados, “os *gringos* estão tomando conta”, e a legitimidade que a ascensão econômica fornece a esse grupo possibilita a conquista de cargos importantes nas instituições municipais, como é o caso da direção da igreja municipal. Cabe ressaltar a importância de novas pesquisas que englobem o campo político diante dessas novas dinâmicas.

Portanto, as transformações ocorridas no município de São Martinho da Serra não se resumem à simples passagem da atividade pecuária para a produção de soja pelo fator puramente econômico, há nesta dinâmica um feixe de relações históricas que trazem consigo novas relações socioculturais e afetam desde relações de trabalho até a relação com a paisagem natural local.

Contribuições dos autores:

IBB: Coleta de dados, Análise e interpretação, Redação do manuscrito. ELP: Administração do projeto.

Suporte financeiro:

Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior Brail - CAPES.

Conflitos de interesses:

Nada a declarar.

Aprovação do conselho de ética:

Não se aplica.

Disponibilidade de dados:

Os dados da pesquisa estão disponíveis sob consulta.

* Autor correspondente:

Igor Binotto Benetti. igor.benetti@acad.ufsm.br

Referências

- Aquino, J. R., Gazolla, M., & Schneider, S. (2018). Dualismo no campo e desigualdades internas na agricultura familiar. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 56(1), 123-142. <http://doi.org/10.1590/1234-56781806-94790560108>
- Atlas das Pastagens. (2024). Recuperado em 26 de novembro de 2024, de <https://atlasdaspastagens.ufg.br/map>
- Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul. (2020). *Biomass - RS*. Recuperado em 29 de janeiro de 2024, de <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/midia/imagem/map-biomass-rs>
- Benetti, I. B. (2024). *Da lavoura à pecuária: transformações socioculturais, ambientais e produtivas com o avançar dos gringos no Pampa, estudo em São Martinho da Serra/RS* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- Bourdieu, P. (1983). Esboço de uma teoria da prática. In R. Ortiz (Ed.), *A sociologia de Pierre Bourdieu* (pp. 46-81). São Paulo: Ática.
- Brasil. Ministério da Agricultura e Pecuária. (2023). *Projeções do agronegócio: Brasil – 2022/2023 a 2032/2033*. Brasília: Ministério da Agricultura e Pecuária.
- Brum, A. L. (1988). *Modernização da Agricultura: trigo e soja*. Petrópolis: Vozes.
- Chelotti, M. C. (2009). *A estância metamorfoseou-se: (re) configurações territoriais e expressões da reterritorialização camponesa na Campanha Gaúcha (1990- 1997)* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- Departamento de Economia e Estatística – DEEDADOS. (2024). *Informações sobre São Martinho da Serra*. Recuperado em 03 de fevereiro de 2024, de <http://deedados.planejamento.rs.gov.br/feedados/>
- Fernández, A. J. C. (2007). *Do Cerrado à Amazônia: as estruturas sociais da economia da soja em Mato Grosso* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Figueiredo, M. C. S. (2014). *Florística de mata ciliar em São Martinho da Serra, RS, Brasil* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- Garcia Junior, A. R., & Heredia, B. A. (2009). Campesinato, família e diversidade de explorações agrícolas no Brasil. In E. P. Godoi, M. A. Menezes & R. A. Marin (Eds.), *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*. (Vol. 2, pp. 213-244). São Paulo: Unesp.
- Gazzoni, D. L., & Dall’agnol, A. (2018). Paralelo entre a soja no mundo e no Brasil. In Comitê Estratégico da Soja no Brasil (Ed.), *Soja: quebrando recordes: Cesb. 10 anos de máxima produtividade* (pp. 37-59). Sorocaba: CESB.

- Guimarães, A. P. (1977). O complexo agroindustrial no Brasil. *Revista Reforma Agrária*, 7(6), 1-12.
- Guimarães, G. M., & Gehlen, I. (2015). Identidades e Patrimônio Cultural em Sistemas de Produção de Alimentos Coloniais no Rural Contemporâneo da Quarta Colônia - RS. In G. M. Guimarães, T. A. Balem, P. R. C. Silveira & S. A. Zimmermann (Eds.), *O Rural contemporâneo em debate: temas emergentes e novas institucionalidades* (pp. 253-278). Ijuí, RS: Unijuí.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (1995). *Censo Agropecuário de 1998*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2000). *Censo Demográfico de 2000*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2006). *Censo Agropecuário de 2006*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2010). *Censo Demográfico de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2017). *Censo Agropecuário de 2017*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2022). *Censo Demográfico de 2022*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2024). *IBGE Cidades*. Recuperado em 4 de janeiro de 2024, de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-martinho-da-serra/pesquisa/14/10193>
- Machado, N. T. G. (2004). *Entre guardas e casarões: um pouco da história do interior do RS- uma perspectiva arqueológica* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MapBiomias. (2024). *Coleção 8 da Série Anual de Mapas de Cobertura e Uso da Terra do Brasil*. Recuperado em 23 de janeiro de 2024, de <https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/cobertura>
- Miranda, R. S. (2011). *Ecologia política da soja e processos de territorialização no sul do Maranhão* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.
- Moreira, J. G., Conterato, M. A., & Matte, A. (2019). Transformações produtivas no Pampa brasileiro: influências do avanço da soja na bovinocultura de corte. *Revista Campo-Território*, 33(14), 179-207. Recuperado em 10 de novembro de 2024, de <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/49178>
- Moreira, J. G., Matte, A., & Conterato, M. A. (2023). Avanço da soja e estratégias de adaptação da pecuária de corte no Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 19(1), 504-526. <http://doi.org/10.54399/rbgdr.v19i1.5574>
- Neumann, P. S. (2003). *O impacto da fragmentação e do formato das terras nos sistemas familiares de produção* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Nicoloso, C. S. (2017). *Sustentabilidade de sistemas de produção da pecuária familiar: uma análise a partir da expansão da soja sobre áreas de bioma Pampa* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- Pedrazzi, R., & Costa, F. (1999). *São Martinho da Serra: Terra e gente*. Santa Maria.
- Petsch, C., Scoti, A. A. V., Trentin, R., de Souza Robaina, L. E., & da Rosa, K. K. (2022). A Expansão da cultura de soja no Pampa gaúcho: o caso da bacia hidrográfica do rio Santa Maria. *Revista Eletrônica do Programa de Pós graduação em Geografia UFPR*, 17(1), 47-71. <http://doi.org/10.5380/geografar.v17i1.84123>

- Piccin, M. B. (2021). *Senhores de Terra, Senhores de Guerra: Sociologia histórica do patronato estancieiro do Rio Grande do Sul (1920-2019)*. Curitiba, PR: CRV.
- Picolotto, E. L. (2022). *A formação da agricultura familiar no país da grande lavoura: as mãos que alimentam a nação*. Curitiba, PR: Appris.
- Ribeiro, C. M. (2009). *Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da Região da Campanha do Rio Grande do Sul* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Saquet, M. A. (2002). *Os tempos e os territórios da colonização italiana* (Tese de doutorado). Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.
- Scoti, A. A. V., Dotto, A. V., & Robaina, L. E. S. (2022). Análise geomorfológica com apoio de técnicas digitais: município de São Martinho da Serra-RS. *Geografia Ensino & Pesquisa*, 26, e27. <http://doi.org/10.5902/2236499465999>
- Silva Neto, B., & Frantz, T. R. (2003). Dinâmica da agricultura e desenvolvimento no Rio Grande do Sul. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 41(3), 97-115. <http://doi.org/10.1590/S0103-20032003000300005>
- Silva, C. S., & Viana, J. G. A. (2020). Instituições na pecuária de corte e sua influência sobre o avanço da sojicultura na Campanha Gaúcha - Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 58(4), e214991. <http://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.214991>
- Silva, J. G. (1996). *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas: Instituto de Economia da UNICAMP.
- Silva, M. N., & Sacco dos Anjos, F. (2020). A expansão da soja no município de Jaguarão/RS: análise das percepções através da abordagem narrativa. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 58(3), e213748. <http://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.213748>
- Veiga, J. E. (2006). *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI* (2. ed.) Rio de Janeiro: Garamond.
- Wilkinson, J. (2023). *O mundo dos alimentos em transformação: mesmos pratos, novos ingredientes, processos e atores*. Curitiba: Appris.
- Zarth, P. A. (2002). *Do arcaico ao moderno: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX*. Ijuí: Unijuí.

Recebido: Julho 03, 2024.

Aceito: Dezembro 18, 2024.

JEL Classification: P510

Editor associado: Catia Grisa